

DOSSIÊ

| Marxismo e
| revolução no Brasil

Marxismo, partido e revolução

*RAUL PONT**

A humanidade chega ao final do século num grande vazio de horizonte histórico com legitimidade e perspectiva futura. A hegemonia do neoliberalismo construiu resultados sensíveis na imposição de um modelo de mundialização do capital sob direção do capital financeiro.

Os saltos espetaculares de novas tecnologias na produção e, principalmente, nas comunicações jogaram um papel decisivo para justificar esse processo.

A globalização é veiculada na mídia, grande e pequena, ideologicamente como algo inevitável. Caminho único que todos os países devem trilhar baseados nas diretrizes essenciais da desregulação dos mercados, do privatismo, do individualismo e de um Estado mínimo. Se é inquestionável o predomínio econômico em escala planetária desta concepção reconstruída a partir do Fórum Econômico Mundial, de Davos, sobre velhos conceitos do liberalismo, não é menos verdade sua fragilidade enquanto “concepção de mundo” .

Esse liberalismo exacerbado é incapaz de construir um horizonte político dotado de valores éticos, morais e políticos que articulem uma sólida dominação de classe que combine coerção e legitimidade de forma duradoura.

Seus principais apelos ideológicos não sintonizam com a vida cotidiana, real, das pessoas e estas não aderem nem defendem esse modo de vida como seu. Sofrem as conseqüências, são integradas mais por imposição do que convencimento.

A aceitação é superficial, marcada pela repetição do senso comum e pelo poder da mídia, mas, no confronto com a denúncia e a mobilização sintonizadas com a realidade, tende rapidamente a ser revertida. Neste quadro de predomínio ideológico neoliberal e de profunda crise das experiências do socialismo burocrático e autoritário do Leste Europeu e de outras regiões do mundo, houve um evidente enfraquecimento do

* Professor de ciência política e membro do DN do Partido dos Trabalhadores.

referencial teórico representado pelo marxismo em suas várias correntes. Isso atingiu, também, a compreensão do papel e das funções de instituições políticas como partido, parlamento, Estado, etc... Mesmo intelectuais e militantes de partidos com históricos vínculos com o marxismo foram influenciados por essa crise levando-os ao abandono dessa concepção de mundo ou a relativizando como instrumento teórico para analisar a realidade e as instituições políticas. Em muitos casos o abandono foi explícito com adesão à ideologia neoliberal, às vezes disfarçada pela inevitabilidade da “globalização”, do desenvolvimento científico tecnológico, de uma nova revolução dos meios de produção. Em outro caso, não menos influente e perigoso, é a relativização e a ascendência dos critérios e dos valores do pragmatismo conjuntural, dos resultados eleitorais, das alianças governamentais marcadas pelo imediatismo ocasional sem uma estratégia que as sustentem numa coerência de longo prazo.

Partilhamos da avaliação de que esta questão é uma das mais importantes para ser enfrentada, pela esquerda brasileira, seus partidos, principalmente o nosso, o Partido dos Trabalhadores. O marxismo continua sendo o principal instrumento teórico na crítica ao capitalismo e de compreensão do processo histórico da humanidade, evidentemente, despido de interpretações e leituras mecanicistas que marcaram a teoria e a prática das experiências burocráticas do século XX.

A força do marxismo reside exatamente na sua capacidade de autocriticar-se e basear-se num método de conhecimento que incorpora as mudanças e a situação de cada nova realidade. A abertura e a compreensão para o dinamismo permanente desse processo não elimina a necessidade de termos, como indivíduos e como partido, uma concepção de mundo e de interpretação da realidade sob pena de perda de referência para sobrevivermos enquanto vontade coletiva. Estamos vivendo, na prática, a constatação de que nunca foi tão necessário manter o debate ideológico na sociedade e entre nós. Os milhões de jovens e de cidadãos que a cada ano assumem a condição de cidadania, de associação partidária e buscam referências teóricas e programáticas para orientar sua ação encontram cada vez menos essas referências no debate existente na sociedade. Há algumas décadas, nos anos 60, por exemplo, ingressava-se num partido ou se assumia prática política no país sob a égide de referências teóricas de experiências vividas na América Latina e no mundo que estavam presentes nas orientações que assumíamos. O pensamento único da globalização tenta reduzir isso a um discurso que tende a tornar todos os partidos “iguais”, meros instrumentos de apresentar e eleger candidatos aos parlamentos e aos governos. As diferenças ficam mais tênues e no campo de alguns valores de competência, honestidade e de

maior ou menor compromisso democrático. O caráter de classe, de exploração social como elementos essenciais do sistema capitalista tendem a não aparecer ou serem diluídos na teoria e na prática partidárias.

A facilidade com que partidos socialistas ou democráticos populares transformaram-se nos protagonistas principais de governos neoliberais e globalizantes é ilustrada por inúmeros exemplos na Europa e na América Latina. Isso ocorre não apenas por direções “traidoras” ou pela “cooptação” de governantes e parlamentares. A diluição e a ausência do debate ideológico, a falta de formação permanente de quadros e da manutenção programática viva são também responsáveis por essas derrotas ou abandono de coerência programática.

Outro exemplo. O florescimento e o crescimento de novas seitas religiosas, cada vez mais obscurantistas e mercantis que alienam as pessoas através da ilusão que as contradições e conflitos sociais da exploração e da marginalização encontram soluções extraterrenas, não sofrem uma crítica ou uma disputa com suas concepções. É também sensível que na universidade, no meio intelectual, o marxismo sofreu um arrefecimento e se não foi largamente substituído na instituição, a hegemonia neoliberal na sociedade foi suficiente para silenciá-la nessa disputa. Vejamos um aspecto. Os economistas do governo, pugilistas do FMI e do grande capital financeiro transformaram-se nos “filósofos” do mundo contemporâneo. Predominaram na disputa da mídia pela “explicação” do mundo que defendem sem terem tido uma resistência maior na produção teórica da academia e da intelectualidade de esquerda.

Contam-se nos dedos os que resistiram e se contrapuseram aos encantos da pós-modernidade, da globalização e da onipresença do mercado. Afinal, quem não sintonizasse com isso tinha o silêncio da maior parte da mídia e a pecha de dinossauro.

O pluralismo e a convivência com correntes de pensamento idealistas num partido como o PT não exige que os marxistas abdicuem de desenvolver o debate ideológico sobre esses temas que nenhuma conjuntura ou situação circunstancial pode determinar como simplesmente inoportunos ou equivocados.

Não o fazer significa aceitar a hegemonia crescente de ideologias e métodos de conhecimento que não dão conta da realidade. Significa abdicar de nossa concepção de mundo.

Os socialistas brasileiros, nosso partido em particular, dificilmente ultrapassarão os enormes desafios e obstáculos que terão nos próximos anos sem a manutenção e o fortalecimento de uma ideologia que sustente sua luta anticapitalista e por uma sociedade onde não predomine a exploração e a exclusão social.

Do nosso ponto de vista, esse instrumental teórico é o marxismo que continua como a principal referência para a compreensão e transformação da sociedade capitalista.

Esse final de milênio nos coloca, é claro, um conjunto de novos desafios no campo da ecologia, das contradições novas ou que perduram nas relações de gênero e raça. É flagrante o desafio das profundas mudanças que as inovações científicas e tecnológicas colocam no desenvolvimento dos meios de produção e as relações de produção daí decorrentes. A atualidade do diagnóstico do *Manifesto*, cento e cinquenta anos depois, no entanto, também é inegável e presente. Os mecanismos básicos e essenciais da luta de classes, da acumulação capitalista, da concentração e centralização do capital, da evidência dos conflitos nacionais e regionais na mundialização do capital — por mais que tentem nos convencer da “globalização” — demonstram que a contribuição teórica do marxismo continua válida e atual para a prática dos socialistas. Em muitos casos, as novas realidades desafiam nossa capacidade crítica e de produção teórica sobre as novas práticas sociais. Em outros, só não podemos perder a memória histórica de nossas próprias lutas. A experiência histórica das lutas sociais deste século e a prática de democracia direta que impulsionamos em algumas cidades que governamos, por exemplo, já são mais que suficientes para dotarmos o partido de um programa e de propostas mais avançadas sobre o parlamento, os partidos e seu funcionamento, os governos na sua relação com a sociedade. O que tem predominado na medida em que crescemos nos parlamentos e nos executivos é a aceitação das regras do jogo e a sua reprodução é cada vez mais natural.

Há casos gritantes. Cada vez mais aceitamos como inevitável o regime representativo brasileiro, o bicameralismo, um sistema eleitoral que ainda não pratica nem a conquista do séc. XVIII de que “a cada cidadão corresponde um voto”.

Sem um referencial marxista, sem uma absorção programática da sociedade de classes, sem um revigoramento teórico e programático corremos o sério risco de sermos mais um “partido da ordem”.

Nosso maior antídoto, também este recolhido das maiores lutas sociais deste século, é que somos um partido democrático, profundamente democrático e onde este debate ideológico pode fluir. Este, no entanto, não é espontâneo, natural. Só ocorre pela organização daqueles que pensam e agem dessa forma e disputam a hegemonia e a construção programática e partidária.

Que este artigo se integre e ajude esse esforço coletivo. Certamente não estaremos abandonando uma perspectiva revolucionária.